

XIII SARI



Como a literatura auxilia na compreensão da relação atual entre Japão e Coreia do Sul

How literature contributes to understanding the current relationship between Japan and South Korea

Bibiana de Oliveira Schittler¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

Resumo

A obra *Herdeiras do Mar*, demonstra a realidade enfrentada pelas “mulheres de consolo”, meninas coreanas sequestradas por soldados japoneses para servir como escravas sexuais em campos militares. Esse livro, embora ficcional, possui como plano de fundo o contexto histórico da ocupação japonesa na Coreia do Sul, o qual perdurou entre os anos de 1910 e 1945. O objetivo deste artigo é entender como esta obra pode ajudar a compreender a relação contemporânea entre os países, com enfoque nas reparações históricas devido aos eventos ocorridos na Segunda Guerra Mundial. A pesquisa está situada na área de História das Relações Internacionais e adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica de livros especializados e artigos científicos. No ano de 2015, o Japão propôs um acordo de caráter “final e irreversível”, no qual indenizaria às vítimas ainda vivas, contudo exigia a remoção de todas as estátuas erguidas em memória destas mulheres. A população coreana manifestou-se contrária à assinatura deste tratado, considerando-o uma tentativa de apagamento histórico das violações. Conclui-se, portanto, que questões não resolvidas internacionalmente e acordos políticos negligentes, podem invisibilizar sofrimentos civis em períodos de guerra.

Palavras-Chave: Relações internacionais; Ocupação japonesa; “Mulheres de consolo”

Abstract

The work *Herdeiras do Mar* portrays the reality faced by the so-called “comfort women,” Korean girls who were abducted by Japanese soldiers and forced to serve as sexual slaves in military camps. Although fictional, the book is set against the historical backdrop of the Japanese occupation of Korea, which lasted from 1910 to 1945. The aim of this article is to examine how this work can help to understand contemporary relations between the two countries, with a focus on historical reparations for events that occurred during the Second World War. The research is situated within the field of the History of International Relations and adopts a qualitative, descriptive approach, based on a bibliographical review of specialized books and scientific articles. In 2015, Japan proposed an agreement described as “final and irreversible,” in which it would compensate the surviving victims; however, it also demanded the removal of all statues erected in memory of these women. The Korean population opposed the signing of this agreement, viewing it as an attempt to erase the historical record of these violations. It is therefore concluded that unresolved international issues and negligent political agreements can render civilian suffering during wartime invisible.

Keywords: International relations; Japanese occupation; “Comfort women”

INTRODUÇÃO

A obra *“Herdeiras do Mar”*, escrita por Mary Lynn Bracht e publicada em junho de 2020, procura, por meio de um romance ficcional, expor os horrores sofridos, em sua maioria, por meninas asiáticas durante o período da ocupação japonesa na Coreia do Sul (1910-1945). Este livro busca valorizar a memória destas mulheres, ao mesmo tempo em que se opõe ao apagamento histórico das violências por elas sofridas. Em consonância a isso, Nunes (2024, p. 9) afirma que entre as atrocidades cometidas pelo Exército Imperial Japonês durante este período, uma das mais desumanas e menos discutidas, foi a sistemática do tráfico e da exploração sexual de mulheres, conhecidas como “mulheres de conforto”. Vale salientar também que Paiva (2021, p. 16) reforça a utilização da palavra “conforto” como um eufemismo¹ para designar “escravas sexuais”, portanto recomenda-se a utilização das aspas para referir-se a termos como “estação de conforto”, “mulheres de conforto” e “sistema de conforto”. Ela caracteriza isso como um ato de respeito às vítimas, já que esse termo não representa a real natureza das atrocidades que essas mulheres sofreram.

¹ Figura de linguagem que suaviza uma expressão, substituindo palavras ou frases consideradas rudes, desagradáveis ou chocantes por termos mais amenos e agradáveis.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é entender como esta obra pode ajudar a compreender a relação contemporânea entre os países, com enfoque nas reparações históricas devido aos eventos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. São objetivos específicos aqui propostos (1) recordar informações históricas sobre as chamadas “mulheres de consolo”;

(2) examinar o conteúdo e o contexto no qual o livro foi escrito; (3) compreender como o caso interfere na relação entre os países. Isso porque, estima-se que entre 100 a 200 mil mulheres foram coagidas a esse “sistema de conforto”, em sua maioria coreanas, mas também chinesas e taiwanesas.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica de livros especializados e artigos científicos. Em primeiro plano será feito um estudo do livro *“Herdeiras do Mar”* e de como ele reflete a realidade do período. Entretanto, ao longo do texto, outras literaturas são utilizadas para o aprofundamento de questões centrais, como por exemplo, o silenciamento das vozes femininas e a política das estátuas. Dessa forma, também tornou-se fulcral a análise das memórias apresentadas na forma de relatos organizados na obra *“Voices of the Korean Comfort Women: History Rewritten from Memories”*, de Chungmoo Choi e Hyunhah Yang, para adentrar nos impactos da guerra na vida dessas mulheres.

CONTEXTO HISTÓRICO

Antes da Segunda Guerra Mundial, o Japão desenvolveu uma política militar imperialista, através da qual buscava dominar países como a Coreia, a China e outros do sudeste asiático antes que as potências ocidentais o fizessem (YOUNG, 2017). Esse controle japonês sobre a política local acarretou na proibição da fala em locais públicos e do ensino da língua coreana nas escolas, bem como a exploração dos recursos naturais, como agricultura e mineração através da mão de obra escrava. Rolim (2018, p.2) descreve os crimes que ocorreram durante esse período como holocausto asiático, dentre os quais destacam-se assassinatos em massa, uso de armas químicas,

experimentos em seres humanos, fome forçada, tortura, canibalismo e exploração sexual de diversas mulheres.

Essa ambição de disputar a influência ocidental na Ásia leva o Japão a desenvolver uma política expansionista militarista que visava subjugar os outros povos da Ásia diante da nação japonesa. Não só havia um interesse econômico para essas políticas, mas também havia uma visão supremacista de que a Ásia seria mais próspera sob a liderança de um país da região no lugar do Ocidente (OLIVEIRA, 2022, p.3).

Conforme apontado por Soh (1996), as chamadas “estações de conforto” começaram a surgir em 1932, com o objetivo de se tornar um local onde os soldados japoneses pudessem atender suas vontades sexuais, de forma supervisionada e legalizada pelo próprio Estado. Entretanto, essa prática se potencializou com o chamado Massacre de Nanquim, o qual durou seis semanas, iniciando dia 13 de dezembro de 1937. Após invadirem a capital chinesa, os soldados japoneses cometeram violências sistematizadas e em larga escala contra a população civil local, utilizando-se de assassinatos, tortura e humilhações públicas, infringindo gravemente os direitos humanos. Nunes (2024, p.19) afirma que as mulheres foram as principais vítimas desse contexto, sofrendo de violências físicas e psicológicas, e estupro contínuos, cometidos independente da faixa etária.

Neste caos, as mulheres são particularmente visadas, sendo violadas, torturadas e mortas. Segundo as testemunhas, o número de vítimas de todas as idades varia de 8.000 a 20.000 pessoas. A proteção da zona de segurança é mais do que precária. Rabe relata que os japoneses vão lá regularmente para raptar centenas de homens e mulheres, quer para os executar, quer para os violar. As mulheres que resistem – ou não – são assassinadas, estupradas, estripadas ou não estripadas. (BAILLOT, 2023, p.19).

Diante do exposto, o Estado japonês preocupou-se que futuros acontecimentos como estes poderiam afetar a sua imagem pública, perante o sistema internacional. No início, prostitutas japonesas trabalhavam na “estação” de forma voluntária, entretanto, o número de mulheres não foi suficiente para a quantidade de soldados nos campos de batalha. Com isso, jovens asiáticas começaram a ser recrutadas para esse serviço,

essas escravas sexuais advinham principalmente de duas táticas de recrutamento. As meninas mais novas, geralmente eram capturadas à força, e as mulheres adultas eram enganadas e atraídas através de falsas promessas de empregos em fábricas, vendo nessa situação uma oportunidade de ajudar a sua família a sair da miséria (NUNES, 2024). Sob essa análise, torna-se enviesada a utilização do termo “mulheres de conforto”, o qual remete a uma linguagem de cuidado, mascarando a verdadeira condição de escravas, de forma a suavizar e distorcer a situação. A utilização do termo “mulher”, oculta a real faixa etária das vítimas envolvidas, as quais majoritariamente não eram mais do que adolescentes.

A palavra “conforto” também oculta a verdade. O termo refere-se ao conforto oferecido aos soldados japoneses. Isso ignora o fato de que as “mulheres de conforto” foram colocadas em situações que estavam longe de ser confortáveis. Ao focar no prazer dos soldados, a verdadeira dor que as meninas tiveram de suportar é encoberta. A palavra “mulher” mascara a juventude daquelas que forneciam esse suposto conforto. A maioria era composta por meninas pré-adolescentes e adolescentes. O termo distorce os fatos e, ao distorcê-los, distorce também a identidade dessas meninas. A expressão “mulheres de conforto militares” faz com que elas pareçam mulheres — e não meninas — que ofereceram conforto voluntariamente aos soldados, quando, na realidade, “mulheres de conforto” refere-se a meninas submetidas à escravidão sexual. (SCHRAMOWSKI, 2020, p.15)

As sociedades asiáticas deste período eram majoritariamente patriarcais, e isso corroborou para que o “sistema de conforto” se tornasse uma dupla agressão, humilhando tanto a mulher quanto a sociedade coreana, a qual era continuamente vista como inferior. Assim, Silva *et al.* (2025, p.13), ressaltam que explorar e degradar a mulher coreana configura-se como um golpe direto na masculinidade do homem coreano, questionando a visão de que ele não seria de fato o perdedor, já que, nesse contexto, o papel da figura masculina estaria relacionada à proteção feminina.

Outro viés de análise, permeado pela estrutura patriarcal, é a desqualificação das mulheres abusadas perante a sociedade. Historicamente, a figura feminina “provar”

seu valor através da virgindade matrimonial, sendo assim aquelas que tiveram seu direito de escolha retirado perderam a pureza necessária e bem vista culturalmente. Conclui-se, então que as mulheres de “conforto” sofreram e foram julgadas após o término do conflito armado, e precisaram superar não só a degradação durante o período de abuso e escravidão, mas também a humilhação pública subsequente, devido aos valores socioculturais da época (SILVA *et al.*, 2025, p.13)

UMA ANÁLISE DA OBRA “HERDEIRAS DO MAR”

O livro “*Herdeiras do Mar*” foi escrito por Mary Lynn Bracht, autora de ascendência coreana e publicado no ano de 2020. Embora seja uma obra ficcional, ela retrata fielmente os horrores sofridos pelas inúmeras “mulheres de conforto”, sua personagem principal é Hanna, a qual foi sequestrada ainda muito jovem, com apenas dezesseis anos.

A obra é ambientada na Ilha de Jeju, na Coreia, a qual por se tratar de uma ilha vulcânica, apresenta territórios escassos para a agricultura, desenvolvendo predominantemente a pesca,. A partir de 1910, com a invasão japonesa à Coreia, o recrutamento militar assolou o país, contexto este que possibilitou o surgimento de outra forma de subsistência e comércio, protagonizada pelas mulheres *Haenyeo* (해녀). Nessa prática, mergulhadoras coletavam frutos do mar em águas geladas e profundas sem a utilização de equipamentos mecânicos, apenas através da apneia – mergulho somente com o ar dos pulmões.

Em decorrência do conflito armado, as *Haenyeo* tornaram-se fundamentais para a situação financeira de suas famílias e para o crescimento econômico da ilha. Os conhecimentos práticos e as habilidades envolvidas nessa atividade, como o reconhecimento marinho e o treinamento rigoroso (físico e mental) foram passados ao longo de gerações. Desde 2016 a cultura das *haenyeo* foi inscrita na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Figura 1 – Mulheres *haenyeo*

Fonte: Magazine Korea (1910)

A mãe da personagem principal era uma *haenyeo*, a qual, ao ir mergulhar, levava suas filhas para que já praticassem e aprendessem o ofício destinado às mulheres da ilha. No fatídico dia, Emi, a mais nova, ao cansar-se de nadar, decidiu ficar na costa apenas esperando o término da atividade. Logo, um soldado japonês avistou-a sozinha, e começou a se aproximar, nesse momento, Hanna submerge da água e percebe o que está prestes a acontecer. A irmã mais velha consegue chegar à margem a tempo de ajudar Emi a se esconder. Entretanto, infelizmente, não existia ninguém ali capaz de defendê-lá, resultando em sua captura pelo oficial e seu desaparecimento para um um destino ainda desconhecido, mesmo que rapidamente seja revelada a dura realidade. Hanna, da mesma forma que muitas outras meninas, chegou até uma estação militar como “mulher de conforto”.¹¹

A obra é escrita a partir de duas perspectivas. Uma irmã relata os horrores suportados na posição de “escrava sexual” até a sua morte precoce. Em oposição aos capítulos posteriores à guerra, os quais demonstram a dor da perda, da incerteza e da culpa vivenciados por Emi ao longo de quase 70 anos. No ano de 2011, a irmã sobrevivente viaja para Seul não apenas com o objetivo de visitar, bem como de participar da milésima Manifestação das Quartas-Feiras, protestos os quais

¹¹ Literatura ficcional descrita na obra “Herdeiras do Mar”.

buscam pressionar o governo japonês a admitir oficialmente seu envolvimento na administração dos “bordéis de guerra”. No dia 14 de dezembro de 2011, além das exposições tradicionais de faixas, cartazes e fotos, o *Korean Council* ergueu uma estátua de bronze em homenagem, tanto às mulheres que perderam suas vidas durante este período, quanto aquelas que continuam lutando e clamando por reconhecimento.

Figura 2 – Estátua em homenagem as “mulheres de conforto”



Fonte: Forbes Brasil (2025)

Esse livro aborda de forma realista e explícita a complexidade da experiência feminina ao longo de conflitos armados, nos quais a violência impera. Tendo isso em vista, torna-se essencial salientar a importância da análise destes contextos através de fontes inúmeras vezes invisibilizadas. Em consonância, Silva et al. (2025, p. 2) destaca a abertura da historiografia, a partir do século XX, legitimando como fonte histórica não apenas o documento oficial, mas também repertórios como o cinema, a arte e a literatura. Conclui-se que, essa forma de análise promove um conhecimento aprofundado de questões sociais, bem como valoriza a diversidade de experiências históricas.

Segundo Candido (2006, p.30), a literatura é moldada pelo contexto social e histórico no qual o autor está inserido, demonstrando valores, problemáticas e ideologias do presente momento. Portanto, para compreender a especificidade da

obra “Herdeiras do Mar”, é crucial refletir sobre as motivações, experiências e memórias por trás da escrita. Branch, é uma escritora americana de ascendência coreana que atualmente reside em Londres. Cresceu em uma comunidade formada por mulheres, as quais migraram após a Guerra da Coreia (1950-1953), trazendo consigo traumas e memórias de profundo sofrimento, mas com esperança de construir uma vida melhor, longe de toda violência e insegurança. Essa experiência comunitária, juntamente com as histórias contadas por sua mãe e outras senhoras, fez com que ela encontrasse na literatura uma forma de dar voz à dor, permitindo a recapitulação da memória na forma de resistência ao apagamento histórico.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS E REPARAÇÃO HISTÓRICA

Em 1945, após a II Guerra Mundial, com a rendição do império japonês, iniciou-se a organização de um tribunal para julgar os crimes de guerra. Ainda assim, em 03 de maio de 1946, ocorreu o Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, no qual os crimes cometidos nas “estações de conforto” não foram julgados, uma vez que, na época, abusos sexuais não eram considerados crimes de gravidade necessária para serem julgados em um tribunal desta magnitude, mas sim, classificados apenas como “comportamento errôneo” por parte dos soldados (WITT, 2016).

Foi apenas em 1991, após quase 50 anos de invisibilidade e silêncio, que Kim Hak-Sun veio a público, relatando suas experiências durante o período da ocupação japonesa na Coreia, processando o Estado e exigindo sua responsabilização pelos crimes cometidos contra as “mulheres de conforto”. Seu testemunho fortaleceu o debate histórico e político sobre o tema, oportunizando a internacionalização da questão, o que acarretou na pressão diplomática por reconhecimento oficial, pedidos de desculpas e reparação histórica às vítimas desse sistema de violência sexual institucionalizada.

Figura 3 – Pronunciamento de Kim Hak-Sun



Fonte: *Digital Museum: The Comfort Women Issue and The Asian Women's Fund* (1995)

Somente em em 19 de julho de 1995, o primeiro-ministro japonês, Murayama Tomiichi, reconheceu a culpa e criou o Fundo Nacional para as Mulheres na Ásia. Entretanto o dinheiro utilizado era advindo de doações privadas, razão pela qual inúmeras vítimas foram contrárias à criação da entidade, pois acreditavam que se fazia necessária uma reparação estatal, caracterizando uma responsabilidade governamental (NUNES, 2024, p. 30).

A questão que, no entanto, se revelou mais problemática nesta altura foi o facto de apesar de algumas vítimas terem declarado que não iam aceitar receber qualquer dinheiro do fundo, houve outras que devido à sua situação precária, aceitaram, o que gerou antagonismo entre as vítimas. Como resultado, o fundo para mulheres na Ásia foi um fracasso com consequências, pois não só gerou uma desconfiança entre as vítimas, mas também no final acabou por as humilhar. Este tipo de indemnização só foi pensado e organizado, devido à falta de consciência da gravidade do crime, por parte do agressor. (NAM, 2018, p. 27).

No dia 28 de dezembro de 2015, após muita luta, protestos e reivindicações por parte do movimento sul-coreano, exigindo e argumentando sobre a importância de um pedido formal de desculpas por parte do governo japonês, foi apresentado um

acordo que teria como caráter ser “final e irreversível”. Com isso, entende-se que todas as demandas das vítimas do “sistema de conforto” teriam sido abordadas e assim, seria possível encerrar completamente essa questão, não havendo necessidade de outros debates. No entanto, as negociações desse tratado eram de caráter secreto e nenhuma das vítimas foram consultadas. Assim sendo, nem todas as exigências expressas pelas mulheres foram atendidas, de forma que as mesmas sentiam que o acordo não reconhecia a gravidade dos abusos sofridos e não responsabilizava legalmente, de forma explícita, o Japão (CARVALHO, 2024, p.33). Para concluir, durante o pronunciamento do ex-ministro das relações exteriores, Yun Byung-Se, foi mencionada a possível remoção da estátua situada em frente à embaixada japonesa, uma forma de homenagem feita para as meninas que foram forçadas à escravidão sexual. Para a população coreana, esse acordo foi visto como uma forma de apagar essa mancha na história do império japonês e invisibilizar o sofrimento das mulheres subjugadas, tudo isso para evitar a difamação do Japão no cenário internacional.

Para as mulheres de conforto e as organizações que as apoiam, esta cláusula foi uma maneira de encerrar o assunto entre os dois países sem realmente resolver a questão de maneira definitiva, ou seja, sem que o Japão assumisse completamente a culpa e responsabilidade (CARVALHO, 2024, p.33).

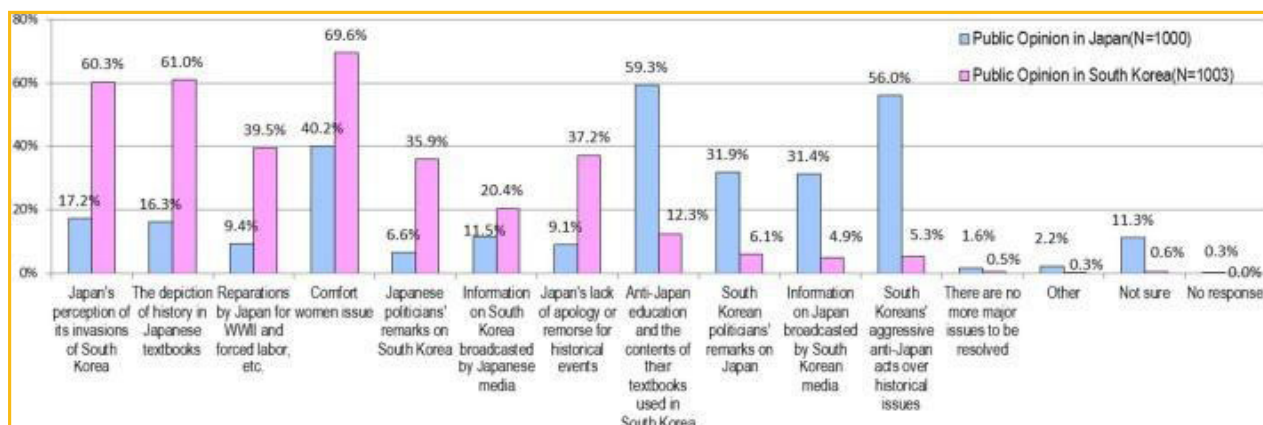
Ademais, através da comparação de penalidades sancionadas tanto para a Alemanha, quanto ao Japão, nota-se o abismo entre como foi tratado a responsabilidade alemã perante as vítimas do holocausto. A culpa foi corretamente assumida, o Tribunal de Nuremberg teve consequências que mostraram-se de certa forma mais efetivas quando comparadas ao Tribunal de Tóquio. Outrossim, um fator crucial a ser analisado nesse contexto foi a cobertura ínfima estadunidense do evento, reduzindo significativamente a participação da opinião pública internacional (CARVALHO, 2024, p. 32).

Por fim, as pesquisas de opinião conjuntas conduzidas pelo Instituto *Genron NPO*, entre o Japão e a Coreia do Sul, evidenciam o desequilíbrio na relevância atribuída a esses corpos nos dois países. Realizados anualmente desde 2013, os levantamentos apontam que o tema das “mulheres de conforto” e o debate sobre o revisionismo

histórico figuram de forma recorrente entre as principais questões mencionadas pelos entrevistados ao tratarem dos conflitos históricos bilaterais.

Na edição de 2018, o índice mais elevado entre os sul-coreanos no que diz respeito a impasses históricos não resolvidos refere-se à necessidade de solucionar a questão das “mulheres de conforto”, alcançando 69,6%, em contraste com 40,2% entre os japoneses. Ressalta-se, contudo, que as propostas de resolução desse problema não são necessariamente uniformes entre os participantes. Em sentido oposto, entre os respondentes japoneses, o percentual mais alto concentrou-se na preocupação com a chamada educação anti-japonesa e com o conteúdo dos livros didáticos sul-coreanos relacionados ao Japão.

Figura 4 – Problemas que precisam ser resolvidos entre Japão e Coreia do Sul



Fonte: *Analysis Report on Comparative Data July (2017⁴)*

Portanto, evidencia-se a maneira como os corpos femininos coreanos foram sistematicamente violados durante a ocupação japonesa, expondo a crueldade da guerra e a imposição de um conjunto de características patriarcais. A mentalidade de superioridade racial do exército japonês levou à proibição da cultura quanto da língua coreana em ambientes públicos e todos os nomes pessoais foram modificados. No trecho inicial da obra “Herdeiras do Mar”, Hana se descreve como “[...] uma cidadã de segunda classe em seu próprio país, com direitos de segunda classe...” (BRACHT, 2020, p.11).

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidenciou como a obra “Herdeiras do Mar”, de Mary Lynn Bracht, ultrapassa os limites da ficção literária ao se constituir como um instrumento relevante para a compreensão das dinâmicas históricas e diplomáticas contemporâneas entre o Japão e a Coreia do Sul. Ao retratar a experiência das chamadas “mulheres de conforto”, o romance contribui para a preservação da memória coletiva e para a problematização do silenciamento histórico imposto às vítimas de violência sexual em contextos de guerra. Dessa forma, a literatura assume um papel político e social, ao viabilizar narrativas oficiais e revelar camadas de sofrimento frequentemente negligenciadas pelas instâncias estatais e pelos acordos diplomáticos formais.

O contexto histórico da ocupação japonesa na Coreia (1910–1945) demonstrou-se fundamental para compreender a institucionalização do chamado “sistema de conforto” como uma prática de violência sexual sistemática, legitimada pelo Estado japonês e sustentada por uma estrutura militar e patriarcal. As mulheres coreanas, majoritariamente adolescentes, foram duplamente violentadas, primeiro, pela submissão forçada à escravidão sexual; posteriormente, pelo estigma social e pelo silêncio imposto no pós-guerra. Esse apagamento não se limitou ao plano social, mas estendeu-se ao campo jurídico e político internacional, como evidenciado pela exclusão desses crimes dos julgamentos do Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente.

Nesse sentido, a obra *Herdeiras do Mar* revela-se particularmente significativa ao dar centralidade à perspectiva feminina e às experiências subjetivas das vítimas, rompendo com uma historiografia tradicionalmente orientada por documentos oficiais e narrativas estatais. A trajetória de Hana e Emi simboliza milhares de histórias reais, permitindo que a literatura funcione como um espaço de resistência à invisibilização e à desumanização dessas mulheres. Conforme discutido, a valorização de fontes

literárias, artísticas e memorialísticas amplia o campo da História das Relações Internacionais, possibilitando uma análise mais abrangente dos impactos da guerra sobre corpos, identidades e relações sociais.

No âmbito das relações diplomáticas contemporâneas entre Japão e Coreia do Sul, observou-se que a questão das “mulheres de conforto” permanece como um dos principais entraves para a consolidação de uma reconciliação efetiva entre os países. As tentativas de resolução, como a criação do Fundo Nacional para as Mulheres na Ásia e o acordo de 2015, demonstraram-se insuficientes e, em muitos casos, contraproducentes, justamente por desconsiderar as demandas centrais das vítimas, principalmente o reconhecimento oficial da responsabilidade estatal, pedidos formais de desculpas e reparações que não fossem apenas simbólicas ou privatizadas. A exigência de remoção de estátuas memorialísticas, por sua vez, reforçou a percepção de que tais acordos buscavam mais preservar a imagem internacional do Japão do que promover justiça histórica.

A comparação com o caso alemão no pós-Segunda Guerra Mundial evidencia ainda mais esse desequilíbrio, ao revelar como diferentes abordagens à memória e à responsabilização estatal produzem impactos distintos na reconciliação internacional. Enquanto a Alemanha incorporou o reconhecimento da culpa e a preservação da memória como pilares de sua reconstrução política e moral, o Japão manteve uma postura ambígua e, por vezes, revisionista, o que contribuiu para a persistência das tensões diplomáticas com seus vizinhos asiáticos. As pesquisas de opinião analisadas reforçam essa assimetria, demonstrando que a relevância atribuída ao tema varia significativamente entre as sociedades japonesa e sul-coreana.

Diante disso, conclui-se que a literatura, ao humanizar dados históricos e dar voz às vítimas, desempenha um papel essencial na crítica a acordos políticos que negligenciam sofrimentos civis e na denúncia de processos de apagamento histórico. Ao evidenciar que conflitos não se encerram apenas com tratados formais, mas exigem o reconhecimento pleno das violações cometidas, a obra contribui para um

entendimento mais profundo das disputas simbólicas e políticas que ainda moldam a relação entre Japão e Coreia do Sul.

Por fim, este trabalho reforça a importância de integrar abordagens interdisciplinares na análise das Relações Internacionais, reconhecendo a literatura como uma fonte legítima para a compreensão de fenômenos históricos complexos. A memória das “mulheres de conforto”, longe de pertencer apenas ao passado, permanece como um elemento central nas disputas por verdade, justiça e reparação no presente, evidenciando que a reconciliação internacional só se torna possível quando as vozes historicamente silenciadas são, de fato, ouvidas e reconhecidas.

REFERÊNCIAS

BAILLIOT, Magali. O Massacre de Nanquim: Um episódio terrível na guerra sino-japonesa. Editora 50MINUTES.com, 2023.

BRACHT, Mary Lynn. Herdeiras do Mar. Editora Paralela: São Paulo, 2020.

CARVALHO, Maria Clara Cabral Bezerra. **A influência das mulheres de conforto na diplomacia entre Japão e Coréia do Sul.** 2024.

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 9ª edição, Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, Tainã Costa. **A Estátua de uma Garota pela Paz: A Materialização da Luta das “Mulheres Conforto” e o Desconforto Político.** Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

GENRON NPO; EAST ASIA INSTITUTE. **Japan–South Korea Public Opinion Poll: Japan-Korea historical issues that need to be solved.** Tóquio: Genron NPO, 2018. Disponível em: <https://www.genron-npo.net>. Acesso em: 10 jan. 2026.

NAM, Sun Young. **As relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e o Japão: o caso das ‘Mulheres de Conforto’ da Coreia.** Universidade de Lisboa Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2018.

NUNES, Simone Henz. **As atrocidades da Segunda Guerra Sino-Japonesa: o caso das “mulheres conforto” (1932-1945).** São Leopoldo. 2024.

OLIVERIA, Nelci Aparecida Farias de; AMARAL, Maria do Carmo. **A disciplina de História no Ensino Fundamental.** Caderno Intersaberes - v. 7 n. 12 – pp. 19- 32, 2018.

PAIVA, Carolina Maria Monteiro. **Mulheres, feminismo e relações internacionais: o caso do movimento de reparação das “mulheres de conforto” sul coreanas.** Recife. 2021.

PARRILHA, Ariel da Silva. **As “mulheres de conforto” coreanas e a violência sexual estratégica: uma análise**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022.

ROLIM, Maria Eduarda de Quadros. **As “Mulheres de Conforto”: o corpo como território**. João Pessoa. 2018.

SCHRAMOWSKI, Bente. **Comfort Women Narrated: A Literary Study of Sexual Slavery in Korean American Literature**. BA Thesis, 2020.

SILVA, Iasmin Maria Andrade da; LIMA, Regina Celia Costa; SANTOS, Margarida Chaves dos; FILHO, Raimundo Carvalho Moura. **As mulheres de conforto na Segunda Guerra Mundial: uma leitura das obras Gramma e Herdeiras do Mar para o ensino de história na educação básica**. Imperatriz. 2025.

SOH, Christiane Sarah. **The Comfort Women: Sexual Violence and Postcolonial Memory in Korea and Japan**. Ed.: The University of Chicago Press. 2008

SOH, Chunghee Sara. **The Korean “Comfort Women”: Movement for Redress**. Asian Survey, Vol 36, No. 12, pp. 1226 – 1240, 1996.

WITT, Kathryn. **“Comfort Women”: The 1910 a 1945. Tokyo War Crimes Trials and Historical Blindness**. 2016. Disponível em: <https://scholar.uwindsor.ca/gljuh/vol4/iss1/3/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

Autoria

1 Bibiana de Oliveira Schittler

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0009-2510-6454> • bibiana.schittler@acad.ufsm.br

Como citar este artigo

SCHITTLER, B. O. Como a literatura auxilia na compreensão da relação atual entre Japão e Coréia do Sul. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e96156, p. 1-17, jun. 2026. DOI 10.5902/1980509896156. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797596156>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Artigo da XIII SARI

XIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI)

A XIII SARI foi organizada pelo Diretório Acadêmico de Relações Internacionais, ocorreu entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria, reunindo estudantes, pesquisadores e especialistas em torno de uma programação diversificada. O evento contou com palestras que abordaram temas relevantes e contemporâneos, como crime organizado, conflitos internacionais, direitos humanos, tecnologias emergentes, guerra cibernética, construção da paz e questões relacionadas à Amazônia e ao meio ambiente, entre outros.

Alinhada ao tripé fundamental das instituições de ensino superior - ensino, pesquisa e extensão -, a XIII SARI reafirma a importância da universidade como espaço de produção e democratização do conhecimento científico, além de contribuir para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos(as/es) estudantes. Em uma dimensão mais ampla, o evento reflete o papel social da universidade; em uma perspectiva mais específica, destaca-se por ampliar o repertório dos discentes e apresentar a diversidade temática presente no campo das Relações Internacionais, especialmente para aqueles que estão em início de curso.

Nesse sentido, a temática abrangente da XIII SARI permitiu não apenas a introdução dos estudantes a diferentes áreas de estudo, mas também a valorização de temas ainda pouco explorados na grade da UFSM, por meio da participação de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Além disso, o evento se destacou por incentivar o protagonismo estudantil, uma vez que foi organizado por estudantes e voltado para estudantes, promovendo tanto a participação ativa quanto o engajamento crítico.

Como marco importante desta edição, destaca-se a retomada dos painéis temáticos com apresentação de trabalhos acadêmicos dos próprios alunos - prática que não ocorria há cerca de dez anos -, acompanhada da previsão de publicação em anais do evento, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais - Ana Lélia (NEPRI/UFSM). Essa iniciativa reforça o compromisso da SARI com a produção científica e com a valorização das vozes estudantis dentro da universidade.

